

01

Sinta o som: a música e o processo de aprendizagem dos alunos com deficiência intelectual

Feel the sound: music and the learning process of students with intellectual disabilities

Roselin Angelita Dantas Reis

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano
<http://lattes.cnpq.br/6905784327311756>

Vinícius Reis de Figueirêdo

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano
<http://lattes.cnpq.br/0027688823067577>
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3342-4064>

DOI: 10.47573/aya.88580.2.54.1

RESUMO

A investigação da influência musical no processo de ensino-aprendizagem do aluno com deficiência intelectual foi o tema da pesquisa com o objetivo de averiguar possibilidades de aprimorar o raciocínio lógico, atenção, concentração, percepção e foco, como também as transformações nos aspectos motivacional, comportamental e afetivo do discente nos aspectos globais do desenvolvimento, como também mudanças no fator comportamental e afetivo do aluno. A metodologia utilizada sustentou-se em obras bibliográficas de Vigotski, Bush, Fregtman, Ballone, Zatorre, Bréscia, Costa-Giomi, Ongaro e, Silva para a fundamentação de conceitos relacionados a influência da música na mente e no corpo. Durante a execução do Projeto foi realizada a leitura crítica, resumos, paráfrases e a elaboração de fichamentos das obras relacionadas ao tema e a comprovação de hipóteses. Na estrutura, a pesquisa está dividida em dois capítulos. No primeiro capítulo, comenta-se aspectos e conceitos atuais da deficiência intelectual e as possíveis contribuições da música nos processos de desenvolvimento da aprendizagem. No segundo capítulo, ocorre uma análise com conceituações importantes sobre a música como recurso potencializador da aprendizagem. Os resultados demonstram que a música ajuda a fazer conexões com uma vasta série de sentimentos, emoções, ligações com o interior pessoal e nuances subentendidos, ao mesmo tempo em que amplia muito o potencial de soluções criativas para os problemas cotidianos.

Palavras-chave: música. aprendizagem. recurso potencializador. transformação.

ABSTRACT

The investigation of musical influence on the teaching-learning process of students with intellectual disabilities was the research theme with the aim of investigating possibilities to improve logical reasoning, attention, concentration, perception and focus, as well as changes in motivational and behavioral aspects and affective of the student in the global aspects of development, as well as changes in the behavioral and affective factor of the student. The methodology used was supported by bibliographical works by Vigotski, Bush, Fregtman, Ballone, Zatorre, Brescia, Costa-Giomi, Ongaro and Silva to support concepts related to the influence of music on the mind and body. During the execution of the Project, critical reading, summaries, paraphrases and the elaboration of records of works related to the theme and proof of hypotheses were carried out. In structure, the research is divided into two chapters. In the first chapter, current aspects and concepts of intellectual disability and the possible contributions of music in the learning development processes are discussed. In the second chapter, there is an analysis with important concepts about music as a resource that enhances learning. The results demonstrate that music helps make connections with a wide range of feelings, emotions, connections to the personal interior, and underlying nuances, while greatly expanding the potential for creative solutions to everyday problems.

Keywords: music. learning. boosting feature. transformation.

INTRODUÇÃO

A música é a linguagem que se traduz em formas sonoras capazes de expressar e comunicar sensações, sentimentos e pensamentos, por meio da organização e relacionamento expressivo entre o som e o silêncio. A música está presente em todas as culturas, nas mais diversas situações como festas, comemorações, rituais religiosos, manifestações cívicas, políticas

entre outras. Ações educativas utilizam a música há muito tempo, como na Grécia antiga, pois, era considerada como fundamental para a formação dos futuros cidadãos ao lado da matemática e da filosofia (BERCHEM, 1992, p. 62).

A música e o aprendizado podem caminhar juntos, somando forças para realizar grandes transformações na vida de estudantes. Assim, a pesquisa buscou argumentos para evidenciar a música como um recurso pedagógico potencializador das aprendizagens, sinalizando que as experiências e vivências musicais contribuem significativamente para a formação integral do aluno com deficiência intelectual. Nessa perspectiva, o estudo teve como objetivo investigar essa influência da música no processo de aprendizagem, verificando as possíveis mudanças nos aspectos comportamental e afetivo do aluno com Deficiência Intelectual, averiguando possibilidades de aprimoramento no raciocínio lógico, atenção, concentração, percepção e foco, como também sondar os aspectos motivacionais.

Discentes com deficiência intelectual apresentam algumas dificuldades no processo de aprendizagem, principalmente com relação aos conteúdos abstratos ou de memória recente, como consequência temos baixa motivação, falta de interesse em aprender e poucas expectativas. Assim, quando introduzimos a música nessa realidade, entendemos que esta tem a capacidade de atrair e envolver os alunos, motivando, elevando a autoestima, estimulando áreas do cérebro e o raciocínio lógico, contribuindo significativamente para o aprendizado. Durante as oficinas, habilidades ligadas à inteligência, atividades que envolvem raciocínio, resolução de problemas e planejamento, dentre outras, é possível verificar a aprendizagem nas demais atividades pedagógicas.

A expressão musical desempenha importante papel na vida recreativa, ao mesmo tempo em que desenvolve a criatividade, promove autodisciplina e desperta a consciência rítmica e estética. A musicalização, de acordo com Penna (1990), tem o poder de "(...) desenvolver os instrumentos de percepção necessários para que o indivíduo possa ser sensível à música, aprendê-la, recebendo o material sonoro/musical, como significativo" (PENNA, 1990, p.22).

A música também cria um terreno favorável para a imaginação quando desperta as faculdades criadoras de cada um. A educação pela música proporciona uma educação profunda e total (ONGARO E SILVA, 2006, p. 2). Pelo seu poder de criação e liberdade, a música torna-se um instrumento ímpar na prática pedagógica a ser utilizada com o aluno com Deficiência intelectual. Pensar em propostas para complementar ou suplementar a aprendizagem do deficiente intelectual, ainda hoje é andar por territórios escassos de experiências exitosas. Pensando nisso e entendendo a música como uma estratégia de ensino, compreendemos a revolução que o trabalho com música poderá causar no aprendizado do aluno com deficiência.

A pesquisa teve dupla dimensão: científica e social. Sobre esses polos, podemos considerar relevante qualquer estudo que busque a qualidade de vida e qualidade no processo de ensino aprendizagem do estudante com Deficiência intelectual através da influência da música na mente e no corpo ou que ampliem as abordagens já existentes. Nesse sentido, a utilização da música como estratégia pedagógica busca transformar uma realidade dura, excludente e desmotivada em outras formas mais leves de aprender e vivenciar o contexto escolar para um público específico.

METODOLOGIA

A pesquisa buscou analisar a importância de ações de inclusão social com utilização da música através do Projeto “Sinta o som: a influência da música no processo de aprendizagem do aluno com deficiência intelectual”. Durante a execução do Projeto, dois estudantes com deficiência intelectual, com características distintas, participaram de oficinas musicais duas vezes na semana. Os discentes Nando, um jovem rapaz com 25 anos; Luís com 17 anos, sorriso tímido e pouca interação fizeram parte da pesquisa.

As oficinas eram planejadas de forma que os estudantes tivessem acesso a um conteúdo musical eclético e aprendessem a manipular os instrumentos musicais. As oficinas eram abertas ao público e sempre contavam com a participação da comunidade acadêmica.

Ações da pesquisa ocorreram no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, Baiano (campus Santa Inês-BA) entre os meses de fevereiro e dezembro de 2019. De modo a preservar a identidade dos discentes os nomes utilizados neste trabalho não correspondem à identidade oficial dos mesmos.

A música é o meio mais poderoso do que qualquer outro porque o ritmo e a harmonia têm sua sede na alma. Ela enriquece esta última, confere-lhe a graça e ilumina aquele que recebe uma verdadeira educação. A célebre frase de Platão sobre a música se encaixa com perfeição na vida de Nando, um jovem com diagnóstico de paralisia cerebral com comprometimento intelectual. Nando encontrou na música uma forma de se expressar e construir sua identidade.

Esse recurso pedagógico inovador pode ser considerado uma fonte de inspiração, criatividade, prazer, motivação, estímulos variados, equilíbrio e interação com o mundo. O desafio é “incluir”, pensar em estratégias e recursos para socializar e inserir os alunos com deficiência no contexto escolar. Nessa situação, a música vem para adicionar. Afinal, a escola tem o dever assegurar o atendimento das necessidades básicas de desenvolvimento social, afetivo, emocional, físico e intelectual; e, ao mesmo tempo, garantir um processo de ensino e aprendizagem baseado na inclusão, mediante recursos e estratégias metodológicas adequadas às necessidades desse público tão específico.

Pensando nessa proposta de inclusão, e tendo como objetivo principal investigar a influência da música no processo de aprendizagem dos alunos(as) com deficiência, foram realizadas oficinas musicais semanais (2 vezes por semana) durante 60 minutos/dia, em um espaço de aprendizagem com recursos necessários ao desenvolvimento das atividades, como violão, ukulele, bateria, flauta doce, percussão, teclado, entre outros aparelhos musicais. O espaço foi previamente adaptado com frases de músicas, oportunizando de forma significativa o gosto pela música.

Em cada oficina era apresentado um instrumento musical e um cardápio musical eclético para enriquecer a musicalidade e cultura de um mundo pouco explorado pelos discentes. Considerou-se que aprender um instrumento é construir conhecimento com a finalidade de despertar e desenvolver o gosto pela música. Desta forma, estimulando e contribuindo com a formação global do ser humano. Assim, nos corredores do Instituto o som dessa construção era ouvido e vivenciado pelos protagonistas que ali estavam. O som se tornou um recurso que potencializava toda forma de aprender.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Semanalmente eram formuladas e reformuladas estratégias de ação que pudessem envolver aqueles alunos tão únicos e sensíveis na forma de ver e se expressar no mundo. Cada diálogo, cada manifestação de temperamento, sentimentos e vivências, provocava uma mudança na compreensão daquela situação. Ao longo dos meses, observou-se o desenvolvimento físico, intelectual e emocional dos alunos. A música conseguia envolvê-los e abria caminhos para a compreensão do mundo que vivem.

Mais do que uma estratégia ou recurso pedagógico, era como se a vida tão difícil e cheia de obstáculos se transmutasse em um paraíso particular. Naquela sala não tinha olhares preconceituosos, não tinha pressões por enquadramentos, só tinha música. Nietzsche poderia perfeitamente ter criado uma das suas mais famosas citações naquele momento: “E aqueles que foram vistos dançando foram julgados insanos por aqueles que não podiam escutar a música.”

Numa tarde fria de inverno no sertão Nordestino, após seis meses de aplicação do projeto “Sinta o Som”, a mãe de Nando foi entrevistada. A primeira pergunta foi ampla: O que mudou na vida dele após a introdução de oficinas de músicas semanalmente? Ela ri despreziosa e diz que ele tá escolhendo suas próprias roupas e dando opiniões sobre o final das novelas. Bom, parece pouco, mas para um deficiente intelectual a conquista da autonomia e independência é algo ímpar. Parafraseando Platão, sua alma foi enriquecida de graça e iluminada pela verdadeira educação.

Luís, um deficiente intelectual com sorriso tímido e pouca interação, durante a oficina cantava alto e em bom som, expressava seus sentimentos e suas emoções. Meio desajeitado por conta das limitações motoras, aprendia Ukulele e se esforçava para fazer o melhor, sempre competindo consigo mesmo. Mostrava-se motivado e com a autoestima elevada. O rapaz de olhar triste dava lugar a alguém que tinha conquistado seu valor.

A música e o deficiente cognitivo

A deficiência intelectual teve diferentes concepções na história. Ela passou pelo misticismo, abandono, extermínio, caridade, segregação, exclusão, integração e, atualmente o processo de inclusão (Pessotti, 1984). Nesse artigo, tomaremos por base a concepção da Associação Americana de Deficiência Intelectual e de Desenvolvimento – AADID apresentada na INSTRUÇÃO N° 016/2011 – SEED/SUED: Pessoas com deficiência intelectual são aquelas que possuem incapacidade caracterizada por limitações significativas no funcionamento intelectual e no comportamento adaptativo e expressa nas habilidades práticas, sociais e conceituais, manifestando-se antes dos dezoito anos de idade (PARANÁ, 2011, p. 1).

Durante muitos anos, pessoas como Nando foram enquadradas em padrões considerados “normais”. A expressão “retardo mental”, antes utilizada em referência a pessoas com deficiência intelectual, tem origem nessa ideia. A palavra retardo remete a atraso. A noção de idade mental segue a mesma lógica. Compara-se o que se observa em uma criança ou adulto com deficiência a padrões e atribui-se a ela uma “idade mental” diferente da cronológica. Comparamos a partir do que consideramos “normal” ou pelos famosos testes de quociente de inteligência – o QI. Atualmente, esse teste não é mais aceito pela Organização Mundial de Saúde, pois, vai de encontro ao princípio básico da educação inclusiva de que somos todos diferentes, singulares e

únicos.

Nessa perspectiva, entendemos a deficiência como uma interação entre o funcionamento intelectual e as suas relações com contexto social. Conforme Vygotsky (1989), é importante compreender as potencialidades e não apenas a reabilitação dos defeitos, percebendo que o ambiente externo interage diretamente no desenvolvimento e na aprendizagem destes alunos.

Contextualizando questões expostas por Vygotsky com o poder de interação da música, e sua relevância ao despertar sensações, emoções e construir uma forma de linguagem única e universal, conseguimos visualizar o potencial absurdo de impulsionar a aprendizagem através da música.

Adotar essa visão de Vygotsky implica, apostar nas possibilidades de desenvolvimento do sujeito. Podemos analisar também outras contribuições de Vygotsky especificamente no campo da Deficiência Intelectual, em que apontam para a plasticidade, que é a capacidade de transformação do organismo e do ser humano, na capacidade do indivíduo de criar processos adaptativos com o intuito de superar os impedimentos que encontra. Apesar de o organismo possuir, em potencial, essa capacidade de superação, ela só se realiza a partir da interação com fatores ambientais, pois o desenvolvimento acontece no entrelaçamento de fatores externos e internos.

Nesse contexto, o desenvolvimento ocorre em uma realidade que seja favorável e que dê oportunidade ao sujeito para tentar alcançar permanência e êxito no processo educacional. Conquistar essa vitória, contudo, exige outras formas de educar que consiga criar caminhos alternativos para o desenvolvimento, em algum grau, das funções psicológicas superiores. Nesse sentido, a música se coloca como este “caminho alternativo”, pois esta tem papel fundamental no desenvolvimento e formação do ser humano, sendo sinalizado a importância da música na construção do conhecimento por outros estudiosos a exemplo de Piaget (1983) e Jean Jacques Rousseau (1995).

Um conceito fundamental e que também consta na noção de plasticidade, é o de que a inteligência é dinâmica, e não estática, podendo, portanto, evoluir. Outra noção fundamental, ponto chave da teoria, é promover o desenvolvimento da inteligência. Vygotsky explica que a inteligência não é inata, mas se constrói nas trocas constantes com o meio ambiente. É importante analisar também as relações entre aprendizagem e desenvolvimento, o que é bem sintetizado no seu conceito de zona de desenvolvimento proximal. Vygotsky conceitua que Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) é:

"a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes".

Alguns pontos da teoria de Vigotski sobre a deficiência intelectual, têm sido utilizados para a investigação das emoções, e de modo especial, para sustentar o princípio de indissociabilidade dos processos afetivos e intelectuais (González Rey, 2000; Kozulin, 1990; Sawaia, 2000). Vigotski sustenta que a peculiaridade desta condição reside justamente na relação interfuncional entre estas duas dimensões humanas: emoção e cognição, na organização do psiquismo. Assim, percebemos o quanto a música pode interferir positivamente nesses processos mentais e auxiliar no desafio de inclusão destes alunos no contexto escolar, afinal de acordo com Vygotsky (1989):

“As mais sérias deficiências podem ser compensadas com ensino apropriado, pois, o aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental”

Neste sentido, Fregtman (1989) afirma que “os sons podem agir como disparadores de pensamentos novos e ideias criativas, que, dessa forma, chegam à consciência.” (Fregtman, 1989, p.46). Com a música é possível envolver e desenvolver um aluno com deficiência de forma criativa e atrativa, melhorando seu funcionamento intelectual, bem-estar e possibilitando uma melhor qualidade de vida. De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU), com a reabilitação é possível o alcance do nível físico, mental e social da pessoa com deficiência, podendo ela mudar de vida. Para isso, é necessário que se trabalhe com a capacidade da pessoa com deficiência e não com sua dada limitação. Ainda nessa perspectiva, Vygotsky propõe uma nova forma de pensar sobre alunos com necessidades específicas. Assim, as limitações e deficiências não podem mais ser utilizadas para justificar a inércia e estagnação de educação com poucos elementos motivadores, pobre e sem vida e que reafirma cotidianamente a exclusão.

O som como recurso potencializador da aprendizagem

É comum alguns professores não reconhecerem a música, enquanto uma linguagem potencializadora da aprendizagem, utilizando a mesma apenas como passatempo para tornar as festinhas mais agradáveis, para receber uma visita importante ou “quando sobra tempo”, ou seja, pelo término da matéria prevista no planejamento, pela necessidade de preencher o tempo até a hora do recreio ou da saída, por exemplo, (COSTA, 1969, p.17).

A partir deste pressuposto, o que nós, enquanto profissionais da educação devemos saber sobre a música e sua influência no aprendizado? Muitos cientistas estudaram o poder da música e comprovaram em suas pesquisas os benefícios advindos dela, tais como: integrarem aspectos afetivos, linguísticos e cognitivos além de possibilitar a interação e comunicação social. Ongaro e Silva (2006), entendem que a música é benéfica ao desenvolvimento do raciocínio, da criatividade e principalmente da socialização sendo indispensável no contexto da escola.

Segundo Ballone (2010), o ser humano tem na sua essência a música, seja no ritmo do corpo (andar, mastigar, falar), seja no ritmo fisiológico (respirar e nos batimentos cardíacos), e a música tem se mostrado importante para o neurodesenvolvimento da criança e de suas funções cognitivas. O aprendizado musical se relaciona com plasticidade cerebral, favorecendo as conexões entre neurônios na área frontal, e relaciona-se com processos de memorização e atenção, além de estimular a comunicação entre os dois lados do cérebro, o que pode explicar sua relação com raciocínio e matemática. Nessa perspectiva, era inegável o avanço de Nando* e Luís* após as oficinas musicais. O raciocínio estava mais rápido, os problemas matemáticos eram resolvidos com mais facilidade e até o entendimento de pequenos trechos de textos, poesias, crônicas estava mais fácil.

Assim, Zatorre (2005), nos diz que a música tem a capacidade de ativar variadas áreas do cérebro, até mesmo as que estão relacionadas com outros tipos de cognição, que permite o conhecimento do funcionamento cerebral, desde o aprender de uma habilidade motora, da linguagem, até a origem das emoções.

Costa-Giomi (2001), afirma que temos modalidades de intervenção musical, e entre elas podemos destacar a educação musical, que é um processo de construção do conhecimento e tendo como finalidade despertar e desenvolver o gosto pela música, desenvolvendo a sensibi-

lidade, criatividade, prazer de ouvir música, da imaginação, memória, concentração, atenção, autodisciplina, do respeito ao próximo, da socialização e afetividade, favorecendo a consciência corporal e de movimentos.

Após analisar essas contribuições, podemos afirmar que a música como recurso pedagógico traz contribuições inegáveis no processo de ensino aprendizagem de alunos com Deficiência Intelectual. A música possibilita essa diversidade de estímulos, e ao mesmo tempo, pode estimular a absorção de informações, isto é, a aprendizagem. O aprendizado de música, além de favorecer o desenvolvimento afetivo, amplia a atividade cerebral, melhora o desempenho escolar dos alunos e contribui para integrar socialmente o indivíduo (Bréscia, 2003, p. 81). A autora ainda afirma que:

[...] o trabalho com a linguagem musical na escola é um processo de construção do conhecimento, por intermédio de situações e ações lúdicas, pois desenvolve o gosto musical, a sensibilidade, a criatividade, o prazer, a imaginação, a concentração, a atenção, a autodisciplina, a socialização e principalmente a afetividade. Além disso, ainda contribui para uma consciência corporal e de movimentação (Bréscia, 2003 p.82-96).

Enxergamos nos alunos com deficiência intelectual um ser humano extraordinário com capacidade para construir e ir muito além das expectativas. Apresentamos a seguir alguns casos observados que contribuíram para nossa pesquisa. Assim, podemos analisar o depoimento da mãe de Nando sobre as mudanças após as oficinas de música:

“Um dia, numa discussão em família, meu filho simplesmente opinou sobre o assunto, se posicionou a favor da Tia. Nunca imaginei que isso pudesse ocorrer, afinal era o menino que o neurologista disse que nunca iria aprender a ler, a escrever e a compreender o mundo. Afinal a idade mental dele era bem abaixo do normal”.

A música pode exercer certas funções em áreas sentimentais do cérebro, estimulando algumas mudanças e estímulos. Para Bush (1995, p.47) a música ajuda a nos ligar com uma vasta série de sentimentos, emoções, ligações com o interior pessoal e nuances subentendidos, ao mesmo tempo em que amplia muito o potencial de soluções criativas para os problemas. Segundo a autora, observa-se que as ondas musicais apresentam certas qualidades que exercem funções no cérebro humano, que ativam os sentimentos e a lógica, formando soluções inovadoras para certos problemas.

A música apresenta características bem peculiares, oferecendo alguns benefícios mentais que estimulam áreas no cérebro que são responsáveis pela memória, fazendo com que certas lembranças sejam ativadas e recordadas. “Ela penetra no cérebro, estendendo-se pelo corpus collosum, lugar onde a memória é armazenada. Dali, ela pode estimular a capacidade de recordação, liberando um fluxo de imagens psicologicamente significativas ou de memórias relacionadas.

Uma vez que a música não tem um significado fixo, ela age como uma tela de projeção, evocando uma larga série de respostas. Quando o viajante está envolvido na experiência, os limites de tempo e espaço são afrouxados, permitindo o acesso às possibilidades passadas, presentes e futuras” (BUSH, 1995, p. 51).

Nitidamente percebeu-se uma mudança comportamental em Nando. Foram estimuladas competências intrapessoais e interpessoais, à exemplo temos essa experiência de intervenção que ele fez na discussão familiar. A música e a experimentação da expressão corporal musicizada despertaram nele a expressividade, o entendimento de mundo e clareza das ideias. Foi

ampliado também seu desenvolvimento físico e sua inteligência musical como o ritmo. Bréscia (2003) já citava que “Pitágoras demonstrou que a sequência correta de sons, se tocada musicalmente num instrumento, pode mudar padrões de comportamento e acelerar o processo de cura” (BRÉSCIA, 2003 p 31).

Outro caso relevante foi o aluno Luís, no início do semestre, mostrava-se extremamente agitado e apático ao conteúdo das aulas. Com o passar dos meses, foi verificado que o aluno conseguia sair do seu universo isolacionista para se integrar ao mundo real que o cerca, em que os desafios do “desconhecido” e do “inusitado” o conduzem inevitavelmente ao mundo maravilhoso das “descobertas”. A agitação não cessou por completo, mas Luís conseguia ter um pouco de foco e concentração para melhorar o aprendizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos avaliar de forma positiva os resultados que obtivemos com os alunos participantes das oficinas. Sem dúvida houve transformação, eles não são mais os discentes que iniciaram nas oficinas. Nando, tímido, retraído, olhar para baixo, pouca interatividade e socialização, em poucos meses de oficina aceitou fazer uma apresentação musical em uma reunião de Pais e Professores. Um momento único que expõe toda potencialidade que se esconde nos rótulos que a sociedade impõe.

Já Luís, que antes era dominado pela agitação e movimentação constante, conseguia foco e concentração na música. A música o fazia parar, acalmar a alma, as emoções e na medida do possível, considerando as limitações impostas pela deficiência cognitiva, construir novas formas de vivenciar o mundo que o cerca.

A semente do projeto germinou com as ações mediadas pela música como ferramenta pedagógica, interacionista e transformadora. Verifica-se que em ações educacionais, não existe um único caminho, e escolher qual deles seguir, é uma tarefa complexa que exige comprometimento e dedicação. Se queremos novos resultados, devemos buscar o caminho do novo.

REFERÊNCIAS

AADID apresentada na INSTRUÇÃO N° 016/2011 – SEED/SUED.

BALLONE GJ. A música e o cérebro. PsiqWeb [Internet]. 2010 [citado em 2012 Ago 17]. Disponível em <http://www.psiqweb.med.br> » <http://www.psiqweb.med.br>.

BERCHEM, TH. A missão da universidade na formação e no desenvolvimento cultural: In Temas universitários I. Porto Alegre: PUC/RS, 1992.

BRÉSCIA, Vera Lúcia Pessagno. Educação Musical: bases psicológicas e ação preventiva. São Paulo: Átomo, 2003.

BUSH, C. A. A música e a terapia das imagens: caminhos para o eu interior. São Paulo: Cultrix, 1995.

COSTA-GIOMI E. Los beneficios extramusicales del aprendizaje del piano. In 3° Encontro Latino-Americano de Educação Musical (ISME-SADEM); 2001 Ago 8-9; Mar del Plata, Argentina. Anais. Mar

del Plata; 2001. p. 87-90.

DAYRELL, Juarez. Múltiplos olhares sobre educação e cultura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. ELLIOT, John. Poner la investigación de acción nuevamente en su lugar original y apropiado. En: GERARDI, Corinta Maria Crisolia; FIORENTINI, Dario; PEREIRA, Elisabete Monteiro de Aguiar (Org.). Cartografías del trabajo docente: profesor - investigador. Campinas: Mercado de las Letras, 1997.

GONZÁLEZ REY, F. L. (2000). El lugar de las emociones en la constitución social de lo psíquico: El aporte de Vigotski. *Educación & Sociedade*, 71(21), 132-148.

FREGTMAN, C. D. Corpo, Música e Terapia. São Paulo: Cultrix, 1989.

KOZULIN, A. (1990). La Psicología de Vygotsky. Madrid: Alianza.

ONGARO, Carina de Faveri e SILVA, Cristiane de Souza. A importância da música na aprendizagem. Disponível em: www.unimeo.com.br/artigos/artigos_pdf/2006/internet_13_10_06.pdf

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação Superintendência da Educação. Instrução Nº 016/2011. Curitiba-PR: SEED/SUED, 2011.

PENNA, Maura. Reavaliações e buscas em musicalização. São Paulo: Edições Loyola, 1990.

PESSOTTI, I. (1984). Deficiência mental: da superstição à ciência (pp.24-135). São Paulo: Edusp.

PIAGET, Jean. Psicologia da Inteligência. Tradução de Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

ROUSSEAU, Jean-Jaques. Emílio ou Da Educação (1757). Tradução Sérgio Milliet, 3ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1955, p. 583.

SAWAIA, B. B. (2000). Emoção como locus da produção do conhecimento: Las emociones y la personalidad: Desafios para su reconstrucción desde una perspectiva histórico-cultural. [Comunicação Científica]. Em III Conference for Sociocultural Research, Campinas. Retrieved in May, 2001, from www.fae.unicamp.br/br2000/trabs/1060.doc.

SILVA, T. T. "Currículo e identidade social: territórios contestados". In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). Alienígenas na sala de aula. Petrópolis: Vozes, 1995.

VYGOTSKY, L.S. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: Psicologia e pedagogia: bases psicológicas da aprendizagem e do desenvolvimento. São Paulo: Centauro, 2005. p.25 -40.

VYGOTSKY LS. Obras completas. Tomo cinco: Fundamentos de Defectologia. Havana: Editorial Pueblo Y Educación; 1989.

VYGOTSKY, L.S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

VIGOTSKI, L. S. (1996a). Teoria e Método em psicologia São Paulo: Martins Fontes.

VYGOTSKI, L. S. (1997d). Fundamentos del trabajo con niños mentalmente retrasados y físicamente deficientes. En L. S. Vygotski, Obras Escogidas V: Fundamentos de defectología (pp. 197-202). Madrid:

Visor.

ZATORRE R, McGill J. Music, the food of neuroscience? *Nature*. 2005;434(7031):312-5. <http://dx.doi.org/10.1038/434312a> PMID:15772648.
» <http://dx.doi.org/10.1038/434312a>